

# humanitas

Vol. XLVII - Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. XLVII • TOMO II  
MCMXCV

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA  
DA DOUTORA MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA



AIRES A. NASCIMENTO  
*Universidade de Lisboa*

## O MITO DE HÉRCULES: ETIMOLOGIA E RECUPERAÇÃO DO TEMPO ANTIGO NA HISTORIOGRAFIA MEDIEVAL HISPÂNICA

A presença do mito de Hércules na historiografia hispânica medieval tem sido interpretada como correspondendo a uma intencionalidade de nobilitação da Hispânia, por lhe garantir um epónimo prestigiado e lhe permitir colocar-se a par dos outros reinos da Cristandade em contexto de afirmação política<sup>1</sup>.

Se tal interpretação é pertinente<sup>2</sup>, nem por isso perdem relevância as variantes que o mito apresenta segundo os vários historiógrafos. Não se configurando num cânon rígido e muito embora estejam longe de revelar a riqueza que a complexidade originária do mito ou o seu desenvolvimento histórico contemplam<sup>3</sup>, tais variantes deixam entrever escolhas

---

<sup>1</sup> Posto em destaque por ROBERT B. TATE, «Mythology in Spanish Historiography of the Middle Ages and the Renaissance», *Hispanic Review*, 22, 1954, 1-18, julgamos ter razões para divergir de alguns dos juízos formulados. O mesmo estudo se encontra incluído na colectânea de R. B. TATE, *Ensayos sobre la historiografía peninsular del siglo XV*, trad. de Jesús Díaz, Madrid: Ed. Gredos, 1970, pp. 13-32 (a referência bibliográfica que aí é dada remete para *Hispanic Review*, XXV, 1957, 1-18, por óbvio desacerto).

<sup>2</sup> Não deixaremos de anotar, por advertência de ALISON WRIGHT, «The myth of Hercules», in *Lorenzo il Magnifico e il suo mondo — Convegno Internazionale di Studi (Firenze, 9-13 giugno 1992)*, cur. Gian Carlo Garfagnini, Firenze: Leo S. Olschki, 1994, pp. 323-339, que no séc. XIII o mito de Hércules ganha importância em Itália, aparecendo nesse período no selo da República Florentina.

<sup>3</sup> Cf. CARMEN CODONER, «Hércules romano», *Euphrosyne*, 19, 1991, 27-46. Nem pelo facto de ter sido objecto de cristianização ao longo dos tempos, a sua lenda

dentro de uma tradição, pelo que a identificação do seu valor funcional se torna indispensável e terá de ser deduzido da sequência narrativa constituída por cada historiógrafo.

Atente-se, antes de mais, que o mito não tem distribuição simétrica nas duas modalidades formais que caracterizam a produção historiográfica medieval hispânica. As razões prendem-se com a própria natureza dessas modalidades. Mas, se, por um lado, a ausência nada tem de significativo no *registrum*<sup>4</sup> (tomado no sentido de uma memória que, visando os *retro acta*, se serve dos documentos e os modela, no teor ou na ordem, segundo uma intencionalidade), a inserção na *crónica geral*<sup>5</sup> (que utiliza as fontes tradicionais, sejam bíblicas sejam clássicas para inserir a história particular numa sucessão universal de acontecimentos) corresponde a uma construção que prioritariamente procura distinguir tempos na sucessão histórica.

O mito de Hércules serve efectivamente para marcar um tempo longínquo, primitivo, mas não originário, fundante, mas por substituição, recuperável e por isso historiável. A sua reconstituição e recuperação racionaliza uma realidade existente e faz-se por duas vias: pelo recurso à autoridade (o texto literário) e por explicação etimológica. Esta conjuga a *origo* com a *causa*, as duas modalidades isidorianas<sup>6</sup> de um processo de conhecimento que, debaixo da forma dos nomes, procura a verdade das coisas<sup>7</sup>.

---

ficou definitivamente marcada. Se incarna a «fortitudo», não é modelo de «uirtus» em Tertuliano, Agostinho, Lactâncio. A valorização crística do *Ovide moralisé* ou as interpretações teológico-morais do *Ovidius moralizatus* não fixam conteúdos. Cf. MARC-RENÉ JUNG, *Hercule dans la littérature française du XVI.<sup>e</sup> siècle — De l'Hercule courtois à l'Hercule Baroque*, Genève, 1966, com a remissão para FRANCO GAETA, «L'avventura di Ercole», *Rinascimento*, 5, 1954, 227-260.

<sup>4</sup> O exemplo mais conhecido nesse âmbito será provavelmente a *Historia Compostelana*, a qual a partir dos *acta* do arcebispo Gelmírez intenta assegurar prestígio e renome à igreja de Santiago de Compostela.

<sup>5</sup> A obra de Afonso X, o Sábio, que ostenta tal título não é o único caso.

<sup>6</sup> ISID. *Etim.* 1, 29, 1-3: «Etimologia est origo uocabulorum, cum uis uerbi uel nominis per interpretationem colligitur (...). Cuius cognitio saepe usum necessarium habet in interpretatione sua. Nam dum uideris unde ortum est nomen, citius uim eius intelligis. Omnis enim rei inspectio etymologia cognita planior est. (...) Sunt autem etymologiae nominum aut ex causa datae (...) aut ex origine.»

<sup>7</sup> E. R. CURTIUS, «La etimología como forma de pensamiento», in *Literatura europea y Edad Media Latina*, México, 1976, pp. 692-699; J. FONTAINE, «Cohérence et originalité de l'étymologie isidorienne», in *Mélanges Eleuterio Elorduy*, Bilbao, 1978, pp. 113 ss.; «La situation de la rhétorique dans la culture tardive; observations sur la théorie isidorienne de l'étymologie», in *Actes du Colloque sur la rhétorique — Caesarodunum*, 14, bis, Paris, 1979, 197-205; «Aux sources de la lexicographie médiévale: Isidore de Séville médiateur de l'étymologie antique», in *Colloques internationaux CNRS 589 — La lexicographie du latin médiéval et ses rapports avec les recherches actuelles sur la civilisation du Moyen Âge*, Paris, 1991, 97-103.

Para nos atermos ao tratamento feito pela mão de Dom Rodrigo Ximénez de Rada, arcebispo de Toledo<sup>8</sup>, podemos reconhecer que, se é breve o apelo à autoridade das fontes literárias, ele é tão explícito e definitivo na busca e constituição da explicação etimológica que se poderá perguntar se não é ela própria que provoca a recuperação do mito para o discurso historiográfico ou até lho impõe. Se outros factores intervêm e são prévios ao processo etimológico, este, correspondendo a uma forma de recuperação e organização de conhecimentos, legitima o trânsito da verdade do nome para a realidade da coisa e assegura a relação entre tempos diferentes. A organização discursiva do historiógrafo servirá para articular os elementos eventualmente dispersos e revelar a associação existente entre eles.

Estruturalmente, na *Historia* do Toledano, o mito de Hércules representa um dos momentos marcados da história hispânica, o da presença grega no território ibérico. Hércules é o braço armado da dominação grega na Hispânia e o responsável pela alteração de um estado anterior, com introdução da guerra, o assentamento de novos povos, a denominação de umas tantas regiões e cidades e bem assim a causa da substituição do antigo nome de Hespéria. Não é este último elemento o único a reter nem o que se apresenta como estruturante da exposição de Ximénez de Rada. Sendo todos esses dados retidos pelo seu efeito continuado e indelével na história da Hispânia, estão subordinados a uma linha de sequência que arranca de base bíblica e se prolonga por ramos de descendentes e de intervenções recuperadas na onomástica. A intencionalidade última é constituir o *praeconium* da Hispânia como região bem delimitada geograficamente (a partir dos Pirenéus) e bem definida etnicamente (assente como está num ramo específico dos descendentes de Jafet, por seu filho Túbal). O efeito pretendido estará tanto mais assegurado quanto os dados de facto puderem ser fundamentados num passado remoto, credenciado sobre fontes prestigiadas, e derivados dele causativamente.

O tempo da intervenção de Hércules na Hispânia é no Toledano um momento marcado e rigorosamente contraposto aos demais para ser distinto deles. Não são apenas as titulações dos capítulos a supô-lo, são também os cuidados do historiador em acentuar tal momento de modo explícito no esquema inicial de anúncio do desenvolvimento que se propõe levar a cabo.

---

<sup>8</sup> RODERICI XIMENII DE RADA, *Historia de Rebus Hispanie siue Historia Gothica*, cura et studio Juan Fernández Valverde, Turnhout, 1987.

Quatro são os tempos enunciados no prólogo: a) *ortum eorum que primo in Hispaniis habitarunt*; b) *bella Herculis, que exercuit super eos*; c) *que Romanis mortis iudicia intulerunt*; d) *quibus Vandali, Silingi, Alani et Sueui exitiis consumpserunt*.

O primeiro momento é preenchido pelo quadro da dispersão dos povos após a confusão das línguas na Torre de Babel e assentamento das gentes de Túbal, filho de Jafeth, em terras ibéricas. O Toledano não tem à sua disposição muitos elementos falantes que lhe permitam confirmar facilmente a credibilidade bíblica e garantir a credibilidade da sua própria narrativa. A inevitabilidade das deturpações linguísticas e a substituição de língua ou de formas onomásticas pela intromissão de conquistadores é um argumento de recurso fácil, mas de efeito assegurado apenas se o historiógrafo puder confirmar a solidez da sua análise em algum dado concreto. A forma *Celtiberes*, explicada como corrupção de *Cetubeles* e esta como correspondendo a *Cetus Tubalis*, salvaguarda a identidade necessária para garantir o processo de recuperação de conhecimento. A caracterização que se estabelece desses tempos primitivos, se é incontestável pela base de onde parte (bíblica e etimológica), não pode deixar de ser escassa. Fica, porém, claro que se reserva aos povos ibéricos uma situação particular, diferente daquela em que terão mergulhado os restantes povos. Estes, remetidos cada qual à sua sorte individual por falta de entendimento com outros de língua estranha, não evitaram as vicissitudes da guerra, impuseram-se pela força das armas e, como acto e sinal de domínio, substituíram a onomástica: «non tam discidio quam odio separati, loca placida elegerunt in quibus sedes commodas locauerunt, et propriis terminis non contenti alienos inuadere presumpserunt et ex iniuriis mors et gladius prouenerunt et nomina sua in terris et cognationibus uocauerunt» (1, 30 ss.).

Em contraste com este estado de coisas, as populações que se espalharam pelas planícies da Hespéria viveram em paz e em prosperidade: «que a sui principio, quam primo Cetubeles habitarunt, satis prospera felicitate gaudebat» (5, 47 ss). Nem lhes faltava um chefe idóneo, capaz de impor respeito e defender os seus habitantes, sem que eles tivessem de se ater a tal preocupação.

À frente de uma significativa parte do território ibérico, como garante último desse estado pacífico e próspero de coisas, está efectivamente um rei, Gérion. A sua caracterização é breve, mas positiva: «cum esset alias fortis et ferox, triceps describitur fabulose» (3, 22). Rejeita-se a imagem tradicional enquanto negativa, e são-lhe fixados atributos definidos. Omisso tudo o mais. Porque há identidade entre o governante e o seu

povo, este pode delegar naquele deveres fundamentais como é o treino militar para a segurança colectiva.

A chegada de Hércules põe termo a esse estado pacífico e sem cuidados e é ponto de partida para um outro que se prolonga e tem reconhecimento garantido. A caracterização desse período é de índole descritiva, mas não foge Dom Rodrigo a formular um juízo sobre ela. Quanto ao herói, parece supor-se que é figura conhecida: como tal se deverá entender o facto de prescindir da sua genealogia e não se ocupar em constituir distinções entre figuras concorrentes<sup>9</sup> que faziam parte de uma imagem tradicional. Coloca-o, no entanto, em correlação com uma pléiade de figuras todas elas marcadas por intervenções civilizacionais (Atlante, Prometeu, Traxilino, Mercúrio). Poderia parecer que este traço era dominante na caracterização. Verdadeiramente, apenas acentua que ele é «orbis domitor, expers metus». A sua vinda à Hespéria não é apresentada sob intuitos benéficos, não ocorre mesmo de forma programada, mas é resultado de um acidente telúrico que o desvia de terra asiática onde acabara de subjugar as populações locais. Inopinadamente, sem motivo declarado, enfrenta Gérion e, «repetito bello», torna-se dono e senhor de uma terra que passa a controlar, com acções que se enumeram e se comprovam pela referência toponímica.

A abundância de pormenores poderá levantar a suspeita de intenções eruditas por parte do historiógrafo. Independentemente de eventuais leituras feitas sobre fontes literárias, ainda que sejam escassas as citações feitas, o quadro a que recorre é estreito. Retêm-se apenas os elementos que marcam continuidade entre a actuação de Hércules e uma realidade existente.

A selecção não parece ser casual. É facto que, segundo a tradição, Hércules é associado às regiões ocidentais, onde se situa a ilha mítica de Eriteia, e onde fica o Jardim das Hespérides assim como o reino de Gérion<sup>10</sup>. Destes três dados o Toledano apenas recolhe o último para a

---

<sup>9</sup> Retenha-se que a distinção entre três Hércules (Tebano, Tírio e Argivo) remonta a fontes romanas, como o *De natura deorum* de Cícero e será utilizada por Afonso X.

<sup>10</sup> Cf. PIERRE GRIMAL, *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*, Paris, 1963, s. u. «Héraclès». A fixação do mito de Hércules no Ocidente não será porventura estranha à identificação do herói com Melkart, cujo culto havia sido instalado pelos Fenícios em Gadir ou Gades (se é que a própria designação fenícia não há que entendê-la como simples atributo da divindade, pelo que ficava disponível a introdução de um nome individual que servia para marcar locais de passagem ou de fixação dos Gregos em competição com os Fenícios na dominação do Mediterrâneo e do extremo ocidente). A primeira referência a Gérion encontra-se em Hesíodo (*Th.* 287 ss.), mas

sua construção. Dois passos de Ovídio e um de Virgílio dão-lhe comprovação segura pela via de autoridade. A esta vai juntar Dom Rodrigo a via onomástica e, a partir dela, ou por causa dela, reconstituir um percurso para Hércules.

A luta contra Gérion reduz-se a poucas palavras; apenas as necessárias para salientar a resistência do rei local, a vitória obtida por Hércules e a espoliação dos bens do vencido. Afastada como *fabulosa* a representação tricépite tradicionalmente atribuída ao rei hispânico, em cena fica somente o enfrentamento de dois homens pelo domínio de uma terra rica e diversificada em três das suas regiões principais.

Desenvolvimento tem seguidamente a actuação de Hércules. Ao vencedor pertence tomar posse efectiva e individualizada de cada uma das regiões anteriormente sob domínio de Gérion. Começando pelo Norte (e sem intenção de fixar o local onde se desenrolou a luta, pois ele não fica definido), imediatamente após a vitória, coloca Hércules uma parte dos seus homens, oriundos da Galácia, numa parte das terras conquistadas; em razão desta origem, a região recebe o nome de *Galécia*. A consagração de vencedor tem lugar seguidamente numa planície junto do rio Ana; aí mima os jogos instituídos por Pélops em Olímpia e, em acto fundador, cria o nome de *Lusitania* para designar aquela região derivando-o por aglutinação da palavra *lusus* com o nome do mencionado rio. Razão menos nobre dá lugar ao nome da terceira região, a *Betica*: não é mais do que um topónimo criado a partir de um nome comum *uega*, palavra que na língua da terra quer dizer «campo fértil» (*Hispano enim ualles planicie comodas uegas uocant*)<sup>11</sup>.

A acção de Hércules estende-se para além das três regiões que estavam sob domínio de Gérion. Na região da Cartaginense coloca Dom

---

sem outra marca que a de situar o seu reino para além do oceano. A deslocação para o extremo ocidente estaria já em Estesícoro (c. 590 a. C.), segundo testemunho de Estrabão (3, 2, 11). Alguma historiografia moderna não hesita em identificar Gérion com um rei de Tartesso, cujo nome estaria referido por Avieno (*arx Gerontis*, 263, 304), mas desfigurado em Macróbio (*Sat.* 1, 20, 12) como *Theron rex Hispaniae citerioris*. Não seria de excluir uma interpretação mítica de culto a um deus-rei. Cf. J. CARO-BAROJA, «La realeza y los reyes en la España antigua», *Estudios sobre la España Antigua*, Madrid, 1971, pp. 51-159; J. M. BLÁSQUEZ MARTÍNEZ, «Gerión y otros mitos griegos en Occidente», *Gerión*, 1, 1983, 21-38; HELENA DE CARLOS VILLAMARÍN, *Las antigüedades de España. Fundadores y reyes míticos en la Literatura medieval*, Santiago de Compostela, 1992 (tese de doutoramento).

<sup>11</sup> A consciência linguística do Toledano permite-lhe reconhecer elementos tradicionais que não continuam a língua latina.

Rodrigo o seu enfrentamento com Caco<sup>12</sup> que incapaz de resistir se põe em fuga, deixando ao seu inimigo a possibilidade de fixar uma outra parte dos homens que o acompanham. Desta vez os beneficiados são os que procedem de Tiro e de Ausónia, mas não é toda a região que receberá o novo designativo; ele fica restringido ao nome da cidade de *Tirasona* (Tarazona). Atingindo a região que primeiro em terras hispânicas fora habitada pelos primitivos habitantes (na deslocação de oriente para ocidente, após a confusão das línguas em Babel), de novo Hércules se impõe e recebe a vassalagem dos habitantes. Uma nova cidade surge: Urgel será o seu nome porque a guerra se intensificou (*quia bellum urgebat*). A vitória final é ainda pretexto para a designação de uma outra povoação, *Victoria* (Vic). E porque dos navios que o haviam conduzido às novas terras com os seus homens a nona está ancorada no porto de mar, a partir de *barcha* forma o nome da nova cidade, *Barchinona* (Barcelona).

Finalmente, como acto derradeiro, para que a instauração de uma nova ordem seja bem reconhecida, Hércules não hesita em mudar o nome a toda a região ocidental que acabava de conquistar: *Hesperia* não era mais do que uma designação comum alusiva a uma situação geográfica; Hércules pretende um nome prestigioso e tendo entre os seus companheiros de luta alguém de ascendência régia, do nome *Hispan*<sup>13</sup> deriva a designação das terras ocidentais, que no seu conjunto passarão a ter o nome de *Hispania*<sup>14</sup>. É a este rei, colocado à frente dos destinos da antiga Hespéria, que são devidas, segundo o Toledano, as obras de restauração e o lançamento das grandes construções como o Farol da Galécia e de Gades, o aqueduto de Segóvia, entre outros monumentos.

Deste modo, haja ou não simetria e homogeneidade patentes em todas as partes (a Bética, por exemplo, não retira o seu nome de uma acção do vencedor nem a Cartaginense vê o seu nome alterado), o quadro

---

<sup>12</sup> A existência de um «Mons Caci», recuperado de Moncayo, é o dado que lhe serve de base.

<sup>13</sup> Tal é a forma que a recente edição restitui de acordo com a tradição recolhida. Em Justino (44, 1) poderia encontrar o Toledano base para a sua congeminção, sobretudo se em vez de *Hispalus* ele tivesse à sua disposição um testemunho com a lição *Hispanus* dada por alguns códices que remontam ao séc. X. Em Isidoro, aliás, a aproximação estava feita: «a Spalo Spani cognominati sunt» (*Et.* 9, 2, 29); «ab Hispalo Hispania cognominata est» (*Et.* 9, 2, 126). Para as fontes do Toledano, v. HELENA DE CARLOS VILLAMARÍN, *op. cit.*, pp. 134 ss.

<sup>14</sup> Trata-se da designação mais habitual entre os escritores latinos; cf. ESTHER ARTIGAS & ALEJANDRA DE RIQUER, «Hispania, Hiberia y Hesperia en los poetas latinos», *Fortunatae*, 5, 1993, 193-213.

do segundo momento da história hispânica fixa-se em torno da figura de Hércules. A ela são associadas outras (Gérion e Caco) que a tradição situava na órbita deste, dentro do seu périplo ocidental.

Esta fixação não tem certamente como motivo apenas simplificar uma lenda complexa, mas fazer dela situação marcada. Hércules é o representante e o símbolo da dominação grega sobre a Hespéria. Num breve juízo deixado no final do cap. 5, tal dominação fica caracterizada negativamente, enquanto causadora da anulação de uma vida anterior marcada pela prosperidade: «Et optenta Hispania, immo uerius desolata, que a sui principio, quam primo Cetubeles habitarunt, satis prospera felicitate gaudebat, infelices populos, quos longa quies inhermes fecerat et ignauos, Grecorum iugo, qui naturaliter subditis sunt infesti, gladius Herculis subiugauit». Por breve que seja a formulação, ela é expressiva de um juízo negativo sobre a actuação que envolve um ciclo histórico.

À narrativa não falta, por certo, perspectiva de enquadramento. Fácil é reconhecer que a sequência se desenvolve numa linha que corresponde à de tempos históricos contemporâneos do historiógrafo ao desenhar-se um percurso que, partindo da Galiza, segue pela Lusitânia, desce à Bética e avança para a Cartaginense até atingir o Levante hispânico.

Mas, se na figura de Hércules escasseiam traços que facilmente podiam ser tomados de uma tradição conhecida, certamente a omissão é resultado de uma escolha. O que fica é suficiente para reconhecer que Hércules não é mais que um pretexto para construir um mundo de significação que não o toma como dado principal.

Trata-se, em primeiro lugar, de um estrangeiro que chega um pouco por acção do acaso, ainda que não sem motivações externas, a uma região relativamente à qual não tem objectivos precisos e onde executa acções cuja legitimidade poderia ser questionada em razão dos efeitos negativos directos e só merece ser lembrada pela continuidade levada a cabo por outros.

Se, em segundo lugar, deve ser reconhecido como fundador de cidades, a verdade é que se atribui a outro a organização da vida urbana e a garantia de uma continuidade. Esta não é devida a méritos dele que parte para longe, é resultado do esforço dos que ficam.

Por outra parte, a figura de Hércules, recortada de fontes literárias inquestionáveis, não é para Dom Rodrigo objecto de juízos morais. Há um distanciamento que significa alienação e que é recuperação apenas funcional: basta-lhe que seja credível como histórica e para isso é suficiente que seja reconhecida na sequência cronológica que Isidoro proporciona.

Ela é sobretudo tempo, mais que acção organizadora ou antepassado nobilitante. Consente a possibilidade de articular a história real (o tempo do historiador e o que ele pretende recordar por testemunhos e constituir

como memória), com um passado: se há situação de prestígio e nobilitação, não é tanto porque se trata de uma figura mítica, mas sim, porque, sendo mais distante que o de outras nações, isso é título prestigiante (é anterior à guerra de Tróia e, por conseguinte, anterior a Roma, que é continuação daquela em esquema de transferência e de nobilitação). A prioridade no tempo permite à Hispânia reclamar proeminência relativamente a outras terras que também se arrogam fundadores de prestígio.

Tal situação, no entanto, é em Dom Rodrigo mais um pressuposto que uma afirmação. Pode deduzir-se que a Hispânia, no seu conjunto, e particularmente o reino que a representa na continuidade das tradições, ostenta dois títulos de glória: um, o do epónimo, de ascendência nobre e companheiro de armas de um herói da antiguidade; outro, o da própria antiguidade das suas gentes e das suas instituições. Os restantes reinos da Cristandade reclamam-se de epónimos como *Italus*, *Francus*, *Brutus*<sup>15</sup>. Ainda que sem fazer confrontos, por razões de prestígio (Gérion e Hércules com as suas aventuras celebradas em fontes literárias por todos conhecidas) e por motivos de tempo, há que pressupor que os heróis hispânicos são mais nobres. Por eles fala a memória dos nomes de cidade e de regiões e não apenas o de uma nação inteira, mesmo que outros documentos *pereunte patria* tenham sido destruídos com a devastação árabe.

Nestas circunstâncias, a figura de Hércules teria que ficar despojada de todas as características que não sejam humanas. Tal redução nada tem de anómalo, pois insere-se num fenómeno aceite de longa data (não originariamente cristão<sup>16</sup>, mas particularmente acentuado com o cristianismo),

---

<sup>15</sup> A origem troiana dos Francos e o epónimo *Francio* poderá remontar a um período menos conhecido da antiguidade tardia e sido alimentado em círculos de letrados da Gália; deve ter sido fomentada no decorrer do séc. VII, tendo a sua primeira expressão literária conhecida na *Historia* do chamado *Fredegarius Scholasticus* (II, 4-5; III, 2). A lenda da origem dos Bretões é construída sobre elementos bíblicos e não bíblicos. Jafeth, filho de Noé, a quem cabe a zona geográfica da Europa, tem como descendente, entre outros, Alano, pai de Hessício, que por sua vez tem por filhos a Franco, Romano, Brito (Bruto). A tradição de base extrabíblica pode remontar à *Crónica* de Eusébio-Jerónimo, que dá o cônsul D. J. Bruto, o Galaico, como conquistador da zona ocidental do Império; transforma-se no decurso do tempo até se fixar com Geoffrey de Monmouth (c. 1135). Cf. HELENA DE CARLOS VILLMARÍN, *op. cit.*, pp. 166 ss. Dom Rodrigo (I, 2) parece desconhecer a pretensão de um epónimo para a *Francia*, não o negando, porém, à *Anglia* nem à *Germania* — *Theutonia*: a *Francia* não seria mais que um nome derivado de um qualificativo para uma horda germânica: «et inde Gallias infrigentes a fractione patrie et eorum ferocitate Francia fuit dicta». Bruto é um troiano que chega no seu barco às costas inglesas.

<sup>16</sup> Já Epicuro e a sua Escola denunciam tal tendência: «Figmenta poetica, fabulae poetarum, fabularum garrulitas». A lição é reproduzida pelos autores cristãos,

como fruto de aceitação fácil do evemerismo que se fixara rapidamente<sup>17</sup> na tradição ocidental e que, racionalizando os dados da tradição, limita as intervenções dos deuses ou semideuses a façanhas de heróis com dimensão humana em tempo histórico, ainda que indefinido. Chama, porém, a atenção no Toledano que Hércules seja desprovido dos traços específicos de uma acção redentora em favor das gentes da Hispânia. Gérion não é um monstro nem Hércules um libertador<sup>18</sup>. Este substitui um domínio por outro, não sem perda para as gentes das terras hispânicas. Ximénez de Rada lera sem dúvida Isidoro e poderia ter acolhido os seus processos interpretativos: «Remontando através de Lactânncio até Varrão, ou mesmo até Énio, encontrava grupos, dinastias mitológicas: Belo, rei da Assíria de que nos falava Eusébio, era o pai de Nino, etc. Sobretudo, encontrava nessas idades primitivas os heróis civilizadores — destruidores de monstros, fundadores de cidades, inventores de artes — desde Prometeu. Era restituir às personagens da Fábula a sua dignidade e a sua independência: se eram benfeitores da humanidade, com razão se conservava a sua memória; por outra parte, não havia que subordiná-los às personagens da História Santa, patriarcas, juízes, profetas; podiam ser postos todos no mesmo plano, se não na mesma linhagem»<sup>19</sup>. A verdade é que o Toledano reduz a intervenção de Hércules ao de um conquistador estranho que põe em sobressalto a felicidade de que gozam as gentes hispânicas e, se dá origem a factos novos, nem por isso é menos responsável por perdas irreparáveis (a maior, aliás, por declarar, mas pressuposta é o esquecimento dos nomes anteriores). O final do cap. 5 (*De uictoriis Herculis et edificatione ciuitatum in Hispania*) carrega efectivamente os traços negativos.

Hércules não é, pois, para o Toledano figura grata a que atribua directamente a nobilitação da Hispânia, mas é pólo de articulação entre tempos diferentemente caracterizáveis. É, antes de mais, a passagem de um tempo indefinido para o de acções concretas de que existem prolongamentos e testemunhos nas formas toponímicas. A terra ocidental é habitada desde o tempo em que os povos se dispersaram depois da confusão das línguas na Torre de Babel. Havia que salvaguardar a autoridade bíblica<sup>20</sup>

---

nomeadamente por Agostinho: «Haec et dicuntur et creduntur stultissime et plena sunt uanitatatis summaeque leuitatis»; cf. PAULE DEMATS, *Fabula — Trois études de mythographie antique et médiévale*, Genève, 1973.

<sup>17</sup> Cf. JEAN SEZNEC, *La survivance des dieux antiques*, Londres, 1939 (Paris, 1993), pp. 22 ss., com remissão para G. MURRAY, *Five stages of Greek Religion*, pp. 152-160.

<sup>18</sup> Esta imagem prevalece na *Crónica Geral de Espanha*.

<sup>19</sup> JEAN SEZNEC, *loc. cit.*, p. 25.

<sup>20</sup> Já em Isidoro a origem última de todos os povos está em Noé (*Et. IX*, 2 ss.).

e fazer a conciliação cronológica dos dados sacros e profanos para situar no tempo a figura de Hércules e criar razões de credibilidade para a sua construção histórica: «Desde Falec<sup>21</sup>, no tempo da separação das línguas junto da Torre de Babel, até Gedeão<sup>22</sup>, tempo em que nasceu Hércules, são 1.273 anos; desde a morte de Hércules até à queda de Tróia são 13 anos; desde a queda de Tróia até Rómulo, que fundou Roma são 442 anos» (I, 3, 39).

Não se preocupa também Ximénez de Rada com associar Hércules à vinda dos Romanos à Hispânia. Esta teve o seu curso independente e de novo foi objecto de invasão. O terceiro ciclo da sua história corresponde ao período romano. «No período dos cônsules, Cipião devastou a África e a Espanha; Tolémon e Bruto na sua qualidade de cônsules fundaram Toledo 108 anos antes de Júlio César chegar ao poder, o que teve lugar no tempo de Ptolemeu Evergetes, rei do Egipto».

Ruptura e continuidade estão presentes no esquema historiográfico do Toledano, mas persiste fundamentalmente o objectivo de afirmar a antiguidade das gentes hispânicas. Se, no momento, outras nações procuram também pretextos para acentuar as suas glórias e constituir títulos de prestígio<sup>23</sup>, quer ele certificar que a história da sua nação não fica perdida sem referências ou no anonimato de factos dispersos ou sem dimensão.

A fusão num todo contínuo de história profana e história sacra, segundo a construção do Toledano, e como o comprovam as fontes de

---

<sup>21</sup> Recorde-se o texto de Isidoro que dá a razão da referência: «Faleg, «divisão», nome posto pelo pai por ele ter nascido ao tempo da separação da terra por causa das línguas.» (*Et.* VII, 6, 24)

<sup>22</sup> A tradição manuscrita recolhida para a *Historia de rebus Hispaniae* não oferece variantes que levem a fundamentar a possibilidade de permuta entre o nome bíblico com o do rei mítico hispânico, por semelhança formal. O último editor rejeitou por isso a lição das anteriores edições. A verdade, porém, é que a frase precedente do Toledano, ao referir o nome de Gérion entre todos os que governaram a Hispânia, fá-lo com intenção de estabelecer articulação com a figura de Hércules. O regresso a uma figura bíblica poderia ser imposto pela lição de Isidoro cuja cronologia associa Gedeão e Hércules (*Et.*, V, 39, 11). Todavia, o lugar central que ocupa Hércules no esquema de Dom Rodrigo (não em Isidoro) e a importância concedida à sua luta contra Gérion ou bem assim o desvio cronológico de uma cinquentena de anos relativamente à cronologia dada por Isidoro (entre Gedeão e a Torre de Babel decorrem 1312 anos e não 1273, como se depreenderia do texto do Toledano) deixam entender que a referência pretendida por Dom Rodrigo não é exactamente a mesma que a de Isidoro. Não é aliás a interpretação deste relativamente a Gérion que ele retém, mas sim a de Ovídio, sem a racionalização do hispalense (*Et.*, XI, 3, 28). As duas formas confundem-se na versão da *Crónica Geral de Espanha de 1344* (cf. cap. 5 e cap. 7).

<sup>23</sup> J. R. TATE, *loc. cit.* Atente-se nalguma discriminação relativamente à França por parte de Dom Rodrigo, como deixamos apontado em nota anterior.

que se serve, corresponde a um retomar de interesse pelos textos da Antiguidade, em consonância com o que se verifica a partir do séc. XII. Não é isso, porém, consequência necessária de tal fenómeno nem seguramente efeito pretendido. Os traços que retém são anódinos no que toca a tal perspectiva e se há que reinterpretá-los, apenas se revelam coerentes numa intenção de garantir um passado prestigiante em que o tempo conta mais que os intervenientes e os elementos de língua mais do que outros factores, porque radicalmente são esses os mais operativos na organização de conhecimentos. O mito de Hércules serve tal objectivo e será a ele reajustado da mesma maneira que, depois, o será na *General Historia* de Afonso X, o Sábio, onde tem a particularidade de acentuar o traço de sábio, perito em astrologia e não tanto o de conquistador, em propósito especular para a figura do rei. Por si, Dom Rodrigo interpreta e retém da lenda de Hércules o que serve os objectivos que se prendem com a criação de uma imagem de prestígio para o novo reino saído da reconquista, mas cujos títulos se procuram em base comum a outras nações. Não é, porém, a recuperação do mito em si que lhe interessa, mas o aproveitamento funcional das possibilidades discursivas que ele lhe abre. Para tanto não é de menor importância a perspectiva de tempo que se prolonga na anterioridade nem são menos úteis os materiais que lhe faculta para exercitar os processos de conhecimento propostos pela etimologia isidoriana: como *origo* explora a história da palavra até descortinar o princípio de uma coisa, como *causa* deve remontar até ao seu inventor. Os nomes são a face visível de uma realidade que se esconde e se desvenda; sábio é aquele que sabe decifrar os segredos da linguagem.

A decifração dos nomes que fazem parte da lenda de Hércules, na organização discursiva de Ximénez de Rada, dá coerência a um todo que, sendo diversificado, deve permanecer unido, e que, estando sob a responsabilidade de vários, tem consistência sob a autoridade decisória de um só. A figura do herói poderia ser invocada para garantir aos povos hispânicos nobreza de origem e participação plena no concerto da grande família das nações que se reclamam de uma Antiguidade prestigiada e se reconhecem simultaneamente nas fontes bíblicas. Mas, a rigor, muito embora possamos admitir que os seus traços positivos lhe eram conhecidos, e tanto mais quanto alguns deles entravam em textos hagiográficos<sup>24</sup>, temos de reconhe-

---

<sup>24</sup> Ainda que sem referência explícita, aparece, por exemplo, na *Vita S. Theotonii* de Santa Cruz de Coimbra, uma reminiscência da legenda de Hércules que consagra o seu carácter virtuoso: trata-se da recuperação do apólogo de Pródigo de Ceos, que apresenta Hércules, chegado à idade do discernimento, a escolher o caminho

cer que a figura de Hércules não lhe é grata. Constitui mais um pretexto para marcar um tempo e situar nele a origem de localidades hispânicas do que um tema directamente procurado. Nem sequer as Colunas lhe merecem atenção particular<sup>25</sup>. Hércules chegou e partiu. A Hispânia acolheu os seus homens e prosperou por acção destes: Hércules é referência, mas não directamente título de glória. A recuperação que Dom Rodrigo faz do seu mito é apenas funcional e reduzida a um esquema operativo.

Não é pequeno o contraste que se deduz da lição apresentada pela *Crónica Geral* de Afonso X, o Sábio. Menos de dois séculos volvidos, por opção científica e exercício crítico, relega-se o mito de Hércules para o domínio do ornato literário: sob perspectiva diferente, é a forma de Sánchez Arévalo ou Margarit i Pau condescenderem<sup>26</sup> com Ximénez de Rada<sup>27</sup>. Por antagonismos políticos, valorizam-se agora novas figuras históricas locais, tais como Viriato, opositor dos Romanos e padrão de virtudes. Persiste, afinal, a lição de Dom Rodrigo quando marcara positivamente a figura de Gérion. Agora reajusta-se também o juízo negativo e reassume-se a antiga tradição cristã relativamente a Hércules em qualificativos a que não faltam marcas de superlativo<sup>28</sup>. Esvazia-se a lenda, em nome de uma nova base de confiança sobre as fontes literárias quanto ao estudo que elas podem proporcionar de tempos passados. Superam-se os processos que haviam estado na base da sua recuperação, permanecem as atitudes de base. A ruptura era certamente de conteúdos e também de formas de conhecimento, mesmo que tal não se declare.

O mito de Hércules concorre certamente para marcar e definir o particularismo da região hispânica que, afirmado ou não directamente, pressupõe um universo unitário em que cada parte é complementar da outra e onde a própria exigência de ordem reclama uma hierarquia de precedên-

---

da Virtude, apesar de árduo, e menosprezar o caminho do mal, não obstante o aliciamento intentado pelo Vício.

<sup>25</sup> JOSÉ CARRACEDO FRAGA, «La torre de Cádiz: un monumento de la Antigüedad clásica en textos medievales», *Euphrosyne*, 19, 1991, 201-230.

<sup>26</sup> ROBERT B. TATE, «Italian Humanism and Spanish historiography of the fifteenth century — Study of the *Paralipomenon Hispaniae* of Joan Margarit, cardinal bishop of Gerona», *Bulletin of the John Rylands Library*, 34, 1951, 137-165.

<sup>27</sup> Apesar das reservas feitas a alguns «qui divinationem et somnia contextuerunt», para Margarit, o Toledano é «tolerabilis Rodericus».

<sup>28</sup> Recorde-se que já em Lactâncio se retém uma imagem negativa: «Hercules qui ob uirtutem clarissimus et quasi Africanus inter deos habetur, nonne orbem terrae, quem pergrasse ac purgasse narratur, stupris adulteriis libidinibus inquinavit? nec mirum, cum esset adulterio genitus Alcimena» (*Div. inst.* 1, 9). Em Margarit i Pau, Hércules é «sceleratissimorum sceleratissimus et omnium sui nominis deterrimus».

cia. Dois elementos contribuem para isso: ligação reconhecida da figura de Hércules com a região hispânica e comprovação de continuidade entre as suas acções e os tempos posteriores. O primeiro dado faz parte das fontes tradicionais; o segundo só pode ser resultante de uma exegese coerente nos seus processos de conhecimento e de argumentação.

Reconhecido como dado autorizado e aceite (apenas questionável e reajustável na medida mesma em que são percebidas contradições imanentes ou contrastes frente a outras instâncias de referência — nomeadamente de modelos superiormente admitidos a nível religioso ou moral), o mito de Hércules em Ximénez de Rada remete para um tempo originário, mas não primitivo, intermédio, mas instaurador e fundante de um estado de coisas que se reconhece numa identidade e numa referência, interferente na situação anterior e prolongado em continuidade comprovada. O agente principal substitui mais do que instaura, apesar das modificações realizadas. Serve uma continuidade, suporta referência capaz de gerar reconhecimento de identidade colectiva mas só complementarmente permite formar contrastes lisonjeiros. Estes ocorrem mais em função da anterioridade no tempo do que pelo prestígio que a fábula mitológica pudesse constituir. Há um aproveitamento funcional do mito, com o que isso implica de distanciamento relativamente à fábula. Há sobretudo a intenção de, através dele, afirmar algo de diferente; o termo objectivo fixa-se na imagem da Hispânia que não se identifica com o herói Hércules (que se retira), mas com outro, Hispano (que permanece e, pelas obras que realiza, assegura um processo de autonomia e identidade).